



8
Setembro
1923

Ilustração Portuguesa

2.ª SÉRIE

N.º 916

ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA

Edição semanal do jornal «O SECULO»
Redação, administração e officinas
RUA DO SECULO, 49 — LISBOA

Numero avulso, 1\$00 (um escudo)

Propriedade da SOCIEDADE NACIONAL
DE TIPOGRAFIA

Editor — ANTONIO MARIA LOPES

ASSINATURAS

PORTUGAL, ILHA-ADJACENTES E HES-
PANHA: Trimestre 13\$00, semest. 26\$00
Ano 52\$00 — COLONIAS PORTUGUEZAS:
Semestre 28\$50, Ano 57\$00. — ESTRAN-
GEIRO: Semestre 36\$00, Ano 72\$00.

DENTES ARTIFICIAES

Extrações sem dôr corôas
d'ouro, dentes sem placa.

P. FUGENIO LOZANCA, 35



AGUA, CREME E PÓ D'ARROZ — Rainha da Hungria —

Para a Beleza e Higiene da pelle, não lhe um avelludado e fresca incomparavel.
Não é untoso. As senhoras que o usam tem uma pelle ideal

TONICO VLDIZIENNE

O tesouro dos cabellos

Faz crescer os cabellos

Cura a cispa, a canice, a calvicie e todas as doenças de couro cabelludo em todas as idades
e em todos os casos.

TINTURA VLDIZIENNE

Instantanea. A melhor e a mais rapida do mundo.

Depilatorio Vldizienne

O unico de resultados surpreendentes, garantidos e rapidos.

Depil torio el ctrico radical e inofensivo

O unico que tira progressivamente os pellos para sempre, o melhor do mundo.
Resposta, mediante estampilha, à

Academia Scientifica de Beleza

DIRECTORA — MADAME CAMPOS

AVENIDA, 23

Teletone 3614-N.

Atelier Maison Chic

Rua Francisco Metrass, N. T. 2.^o
(Campo d'Oirique)

encarregam-se de enxovaes de noivas,
recemnacidos, vestidos preços limi-
tados, provincias e colonias.

Maquinas de escrever

NOVAS E USADAS

Concertos em todos os sistemas de mar-
cas. Rua Augusta, 76. 4.^o — J. Viegas
Pereira

AQUELLES QUE CUIDAM da saude dos
seus filhos, recomendamos a
Farinha Lactea Cister, unico ali-
mento completo e que, pelo seu es-
merado fabrico, allado a modicidade
do seu preço, rivalisa com as es-
trangeiras. A venda em todas as
farmacias, mercearias e drogarias.
Pedir amostras aos depositarios.

LORENZ. MARQUES & C. L.^{da}
Rua Arco Banceira. 159

Amores Perfeitos

Semeiam-se desde já.

Sementes para horta e jardim.

Casa Daupias

29—Rua do Carmo, 31—Lisboa

“VITAMINA”

Alimento biologico completo

“VITAMINA”

é indispensavel a todos os que conso-
mem alimentos esterilizados (leite,
farinhas, conservas, etc.), por conse-
quencia privados das vitaminas ne-
cessarias á sua assimilação

Estab. leem ntos ALVARO C. MPDS

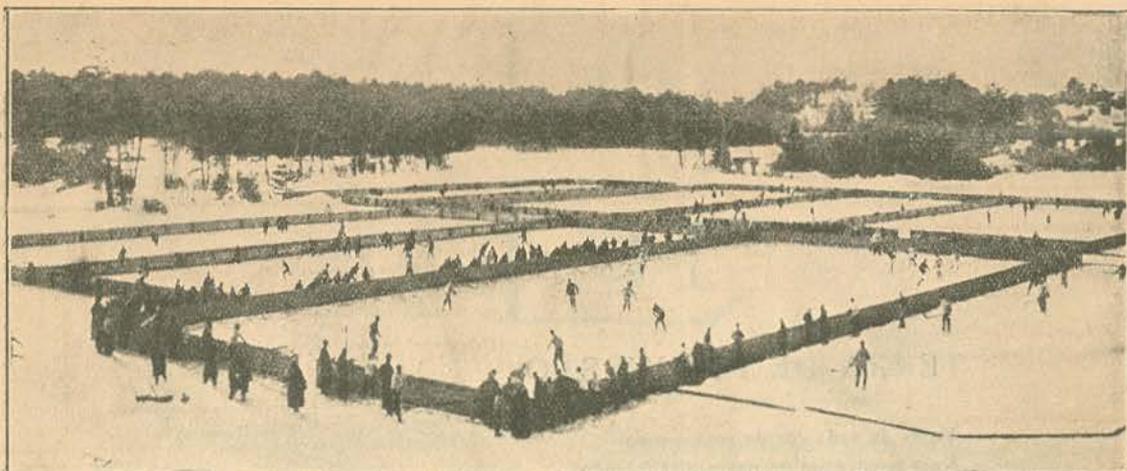
Séde—R. Garrett, 103-1.^o—Lisboa

Filial—R. Sá da Bandeira, 90-1.^o

PORTO

TRABALHOS TIPOGRAFICOS
—EM TODOS OS GENEROS—

Fazem-se nas officinas da ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA
Rua do Seculo, 49 — LISBOA



TODOS OS "SPORTS"

As ultimas provas de desportos atléticos, que o Sport Lisboa e Benfica fez disputar, no seu campo, nos dias 1 e 2 do corrente, tiveram os seguintes resultados:

Corrida de 200 metros—1.^a eliminatória: 1.^o Gentil dos Santos, do Internacional, em 27" $\frac{1}{5}$; 2.^o Raul de Sousa Neves, do Cruz Quebrada. 2.^a eliminatória: 1.^o Karel Pott, do Nun'Alvares, em 27" $\frac{1}{5}$; 2.^o Artur Silva, do Vendedores de Jornaes. 3.^a eliminatória: 1.^o Ribeiro dos Reis, do Bemfica, que correu sem competidor, em 33" e $\frac{1}{5}$. 4.^a eliminatória: A. Freitas, do Sporting, em 30"; 2.^o Joaquim Piné, do Vendedores de Jornaes. 5.^a eliminatória: A. Barata, do Sporting em 26" e $\frac{2}{5}$; 2.^o Armando Sá, do Cruz Quebrada. 6.^a eliminatória: 1.^o A. Salredo, do Sporting, em 26" e $\frac{1}{5}$; 2.^o Pestana de Oliveira, do Cruz Quebrada. 7.^a eliminatória: 1.^o Antonio Santos, do Vendedores de Jornaes, em 28" e $\frac{2}{5}$; 2.^o José Serrano, do Sporting. 8.^a eliminatória: 1.^o J. Coutinho, do Nun'Alvares, em 26" e $\frac{3}{5}$; 2.^o Carlos Gusmão, do Sporting.

Meias finais—1.^a eliminatória: 1.^o Gentil dos Santos, do Internacional, em 24" e $\frac{1}{5}$; 2.^o J. Coutinho, do Nun'Alvares; 3.^o Alberto Freitas, do Sporting. 2.^a eliminatória: 1.^o Adelino Barata, do Sporting, em 24" e $\frac{4}{5}$; 2.^o Karel Pott, do Nun'Alvares; 3.^o Ribeiro dos Reis, do Bemfica.

Final—1.^o Gentil dos Santos, do Internacional, em 23" e $\frac{2}{5}$; 2.^o Karel Pott, do Nun'Alvares; 3.^o Adelino Barata, do Sporting; 4.^o J. Coutinho, do Nun'Alvares.

Saltos á vara—Procedeu-se á disputa do 2.^o e 3.^o lugares, que, pelo adiantado da hora, ficara do primeiro dia de provas por realizar. Foi classificado em segundo lugar Angelo Mendonça, do Cruz Quebrada, que saltou 2^m,60, ficando em terceiro José de Sousa Neves, tambem do Cruz Quebrada, com 2^m,55.

Corrida 3x400 (estafetas)—1.^a eliminatória: 1.^a equipe B do Sporting, composta por Adelino Barata, José Amaro de Carvalho e Cecilio Costa, que fizeram a prova e 2', 55" e $\frac{2}{5}$; 2.^a equipe do Internacional, composta por Gentil dos Santos, N. N. e Agripino Teixeira.

2.^a eliminatória: 1.^a equipe A do Sporting, composta por Alberto Freitas, Abilio do Nascimento e Albano Martins, que fizeram o percurso em 2' 58" e $\frac{3}{5}$; 2.^a equipe do Nun'Alvares, composta por Karel Pott, Jaime Proença e J. Coutinho.

Fin A:—1.^a equipe: A do Sporting; 2.^a equipe do Nun'Alvares.

O Internacional não compareceu á disputa do final da prova, e a equipe B do Sporting foi desclassificada.

Lançamento do dardo—1.^o Agripino Teixeira, com 37^m,50; 2.^o Honorio Costa, com 35^m,92, ambos do Internacional; 3.^o Joaquim Gonçalves, do Sporting, com 33^m,85.

Saltos em altura sem corrida—1.^o Julio Montalvão, do Internacional, com 1^m,41; 2.^o Angelo Mendonça, do Cruz Quebrada, com 1^m,40; 3.^o J. Crespo, do Sporting, com 1^m,37.

Corrida de barreiras (110 metros)—1.^o Honorio Costa, do Internacional em 18" e $\frac{4}{5}$; 2.^o Karel Pott; 3.^o Roberto Machado; 4.^o Mario de Almeida, os trez do Nun'Alvares.

Corrida de 5:000 metros—1.^o José Marques, do Vendedores de Jornais, em 16^m,15" $\frac{2}{5}$; 2.^o Antonio Pinto, do Vendedores de Jornais; 3.^o Antonio Almeida, do Grupo Desportivo dos Vendedores de Jornais.

Saltos em altura com corrida—Foi disputado o terceiro lugar da classificação geral, entre Pedro de Almeida, do Cruz Quebrada, que o obteve, saltando 1^m,50, e Mario de Almeida, do Nun'Alvares.

Saltos em comprimento com corrida—1.^o Karel Pott, do Nun'Alvares, com 5^m,73; 2.^o Rui Horta, do Bemfica, com 5^m,67; 3.^o Angelo Mendonça, do Cruz Quebrada, com 5^m,36.

O juri não homologou a classificação da corrida de 800 metros, anulando-a por irregularidades, não se sabendo ainda, quando se efectuará, o que tambem succede, com uma, de 1:500.

O Club Internacional de Foot-Ball ganhou as taças Seculo, por ter obtido o maior numero de pontos na totalidade, e Antonio Stromp por se ter classificado em primeiro lugar nos saltos e lançamentos.

—Realisaram-se, no passado domingo, na doca de Alcantara, varios encontros de water-polo, cujos resultados foram:

Em primeira categoria o Sport Algés e Dafundo, e o Sporting Club de Portugal, empataram por 2-2, estando as linhas constituídas da seguinte maneira:

Sporting Club de Portugal—Dr. Oliveira Duarte, Francisco Leote, Henrique Teles, Emile Renou, (cap.), Arnold Stockler, Antonio Silva e Mario Garcia.

Sport Algés e Dafundo—Mario Duarte, Ryder da Costa, Vieira Alves (cap.), Antonio Soares, Sacadura, Basilio e Reis.

Em segundas categorias, o Sporting Club de Portugal bateu o Casa Pia Atletico Club por 10-0, e o Sport Algés e Dafundo marcou dois pontos por falta de comparência do Ginasico Club Portuqueuz.

Em terceiras categorias, o Sport Algés e Dafundo marcou dois pontos por desistencia do Ateneu Commercial de Lisboa, o mesmo sucedendo ao Carcavelinhos Foot-Ball Club por desistencia do Gimnasio Club Portuqueuz, e ao Casa Pia Atletico Club por desistencia do Club Nacional de Natação.

O Sporting Club de Portugal conseguiu vencer o Sporting Club de Oeiras por 4-3, depois dum jogo movimentado, que entusiasinou a assistencia.

—A equipe militar de tiro, que nos representa no Concurso de Tiro Hispano-Franco-Portuqueuz, de San Sebastian, é composta pelos srs.: major Francisco Antonio Real, capitão Francisco Lopes de Oliveira, tenente José Lopes Abegão, primeiros sargentos Raul da Cruz Pereira e Alfredo da Costa Pais, e o primeiro cabo Paulino Teixeira.

D. C.

TERRA DE PROMISSÃO

Velas de seda cõr de rosa e oiro
 Num bergantim de prata marchelado...
 Um mar d'ópalas, onde, afogueado,
 O Sol emerge o seu cabelo loiro...

Nesta bateira, levo o meu tesoiro;
 A fada dos meus sonhos—um pecado!—
 Varreu o Sol. Ha terra deste lado...
 Gaivotas pela gavea? Bom agoiro!

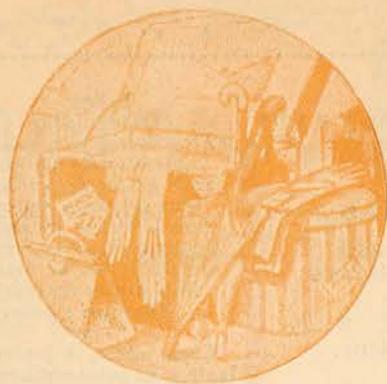
Corro e desperto Aquela que dormita;
 Beijo-lhe a mão patricia, tão bonita:
 — A Terra Prometida, justo ceu!

Abrindo os olhos, fita-me enlevada;
 Beija-me os labios; volve enamorada:
 — A Terra prometida, não sou eu?—

1923.

ADRIANO DE PROENÇA





O Lar



O PERDÃO AOS AMIGOS

Abri aqui ha tempos, nesta secção, um inquerito, sobre se era mais facil perdoar ao amigo ou ao inimigo. A balança pendeu fortemente para o lado do perdão ao inimigo, tão fortemente que a minha opinião em nada vem modificar o resultado do inquerito.

Todavia, apesar de pertencer á minoria, afirmo, muito decididamente, muito resolutamente, sem hesitações, que, em minha opinião, acho muito mais facil perdoar a um amigo do que a um inimigo.

Quasi sempre, somos nós que, pela interpretação que damos ao acto que nos offendeu, lhe carregamos os côres ou as ali-geiramos. Ora, de instinto, quando se fala de alguém que nos é antagonico, estamos sempre prontos a a-har-lhe defeitos, a julga-lo inspirado das peores intenções, attribuindo pessimos motivos a todos os seus mais insignificantes actos. Por mais bonitos que se seja; por melhor que se tente cumprir os preceitos da religião cristã qual de nós não tem exclamado uma meia dúzia de vezes pelo menos, ao falar dum inimigo: *Capaz d'isso é ele e de muito mais?*

Se a nossa indulgência é tão escassa tratando-se da conduta do nosso inimigo, com muita maior razão não encontramos palavras para o desculpar quando ele comete qualquer desprimor para conosco: Não admitimos atenuantes e a menor pena que reclamamos para ele é—a da morte.

Pelo contrario, quando se trata de um amigo, depois do primeiro impulso irreprimivel de dor e cohera, o nosso coração principia a achar desculpas, atenuantes, razões só d'ele, "que a razão não conhece" como tambem diz Pascal, e tão excelente advogado é, esse coração, que muitas vezes acaba por convencer o Supremo Tribunal da nossa razão, que em lugar de expulsar-nos o culpado, lhe devemos querer ainda mais, porque, se ele nos offendeu, foi apenas por—não lhe termos querido bastante!

UM INIMIGO DA BELEZA

Ninguém negará que o defluxo seja muito prejudicial á nossa beleza. Não ha nariz por mais correcto, por mais simpatico, que possa resistir á inchação e vermelhidão causadas por esse incomodo; os olhos, por mais brilhos que tenham, tornam-se chorosos, vermelhos e mortos, aparecem no rosto manchas asperas, os labios secam e gretam.

A unica maneira de impedir que uma constipação siga o seu

curso e perturbe a nossa estetica é tratá-la logo no seu inicio. Aos primeiros signais de defluxo, tomam-se inha-lações de oleo de eucalipto bebendo á hora de deitar uma gemada ou uma chicara de chá de tilia bem quente.

A inhação faz-se da seguinte maneira: deitam-se umas gotas do oleo de eucalipto numa vasilha de agua a ferver, ata-se um lenço sobre os olhos, cobrem-se cabeça e vasilha com uma toalha para não deixar fugir o vapor e toma-se o ar profundamente com a boca entre-aberta. Este tratamento deve ser feito já cama.

No caso de se atacar o mal logo ao mais pequeno sintoma, é desnecessaria a inhação com agua a ferver, basta deitar umas gotas do oleo num lenço e collocar-o sobre o travesseiro, para que o oleo possa ser inhaledo durante a noite.

Quando os olhos estão chorosos, lavam-se duas vezes ao dia com uma solução de agua morna e acido bórico, secando-os por meio de pancadinhas leves dadas com uma toalha macia. Tambem é bom lavar-os com uma esponja molhada em chá fraco.

Quando a constipação é acompanhada por temperatura, os labios gretam; para isso o seguinte e simples remedio: uma ligeira maçagem feita com o ponta do dedo molhada em glicerina.

Se a pele em volta do nariz estiver vermelha e ferida, como muitas vezes acontece, applica-se-lhe um bom creme deixando-o ser absorvido sem o limpar.

PARA GELAR SEM GELO

Quando é difficil obter gelo para fazer sorvete em casa, usa-se este preparado com exito:

Tomam-se duas partes de sulfato de sodio, uma parte de muriato de amoniaco e um parte de nitrato de potassa. Pulverisa-se muito bem cada ingrediente misturando-os todos em seguida. 100 gramas destes pós para cinco litros d'agua, é a proporção exacta em que se deve empregar.

PARA TIRAR NODOAS DE TINTA

As nodoas de tinta cedem em geral ao sumo do tomate. Esfrega-se a nodoa com um bocado de tomate acabado de

Menús da Semana

Domingo

Almoço
Migas
de carne de porco
Goraz frito
Chá ou café

Jantar
Sopa de segurelha
Carne cozida com molho de farinha torrada
Lombo de porco assado com esperegado
Pudim d'amendoa

Segunda feira

Almoço
Salmonete grelhado
Vitela recheada
Cacau

Jantar
Sopa de grão com arroz
Frituras de camarão
Carneiro guizado com feijão verde
Bolo de nozes

Terça feira

Almoço
Bacalhau á espanhola com salada
Ovos estrelados
Chá ou café

Jantar
Sopa de queijo
Linguado cozido com arroz de manteiga
Lingua de vaca com molho d'ovos
Doce de m.ça

Quarta feira

Almoço
Salada de carne
Migas de bacalhau
Cacau

Jantar
Carva de pato
Croquetes de pato com arroz
Pato assado com salada
Gelado de banana

Quinta feira

Almoço
Bacalhau assado com couves
Carne guisada com batatas
Chá ou café

Jantar
Sopa de peixe
Pargo guizado
Galinha assada com esperegado de nabica
Charlotte de pera

Sexta feira

Almoço
Ovos mexidos com peixe
Assorda de tomate
Cacau

Jantar
Sopa de rabo de boi
Pasteis de mexilhão
Salsichas com couve lombarda
Carne de fricassé
Compota de pecego

Sabado

Almoço
Carapaus assados com molho
Costeletas á milaneza
Chá ou café

Jantar
Purê de feijão branco com repólho
Peixe de escabeuche quente
Perdizes de campañ
Pão de ló recheado de creme

cortar, e depois dum bocado, passa-se por agua simples. Se a mancha não sair logo a primeira, repete-se a operação, mas é conveniente não deixar por muito tempo o sumo do tomate na fazenda, porque póde, por sua vez, fazer nodosa.

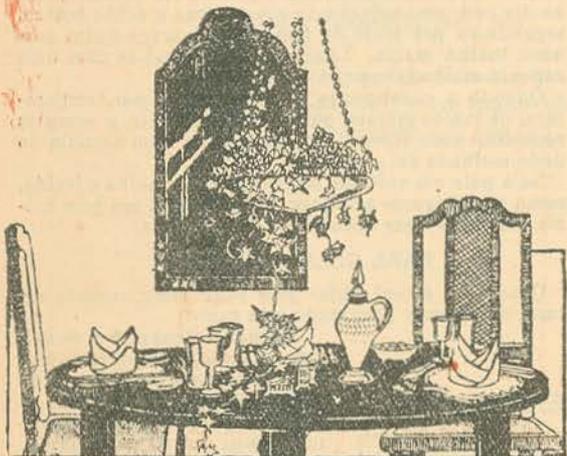
MOBILIA DE CASA DE JANTAR

Não sentem v. ex.^{as}, minhas senhoras, desejo de se sentarem a essa meza tão intima?

Como vêm, não ostenta pratos nem crystaes, é d'uma simplicidade encantadora, a que não falta, com tudo, a nota do requinte. E' tão facil arranjar a nossa meza de maneira a que ela sorria aos olhos cançados de quem regressa do trabalho ao lar!

A moda da toalha é bastante antiquada, contudo nada nos impede de a estender se acharmos que isso alegria mais a refeição.

Depois de dispôr, com graça, os objectos sobre a meza, procurando sempre ter uma loiça que, mesmo não sendo fina, tenha um desenho bonito e fresco, enfeitem-na sempre com flores, e se, pequenina, não lhe couber em cima mais do que o estricto necessario, inspirem-se na gravura apresentada e, indo buscar um quebra-luz



de candieiro de electricidade que esteja fóra de uso ou outro qualquer objecto semelhante, fixem-lhe uns cordões e encham-no de folhas ou verdura.

Deixem pender uma ou duas hastes, de maneira a chegar á meza, dando assim a ideia que a suspensão faz parte d'ela.

As cadeiras, de linhas directas e sobrias, contribuem para o aspeto de simplicidade notada em toda mobilia.

DE RASPÃO

Interessam-se V. Ex.^{as} em saber qual a ementa da refeição que Luiz XVI tomou ao chegar a Meaux, sob prisão dissimulada, depois d'uma tentativa frustrada de fuga.

Cercado por uma escolta fortissima, mas recebendo todas as honras reaes dos membros da Assembleia Nacional que o acompanhavam, chegou ao palacio onde Bossuet habitára, e, n'uma sala em que se deixou entrar toda a população para observar a Família Real comendo, serviram-lhe o seguinte *menú*:

- Costeletas de vitela com molho *glacé*
- Frangos gordos á Tartara
- Caldeirada de peixe
- Sardas á *maitre d'hotel*
- Frangos assados
- Pombos mansos

CALENDARIO DA SEMANA

Setembro — 30 dias

- 9 — Domingo — S. Sergio.
- 10 — Segunda feira — S. Nicolau Tolentino.
- 11 — Terça feira — Santa Teodorina.
- 12 — Quarta feira — Santa Aua.
- 13 — Quinta feira — S. Amado.
- 14 — Sexta feira — O SS. nome de Maria.
- 15 — Sabado — S. Domingos.

Lebres

- Duas saladas
- Alcachofras com molho
- Alcachofras fritas
- Dois pratos de ervilhas
- Dois crèmes á inglesa
- Dois bolinhos de pecego
- Quatro pratos de morangos
- Quatro pratos de assucar
- Dois pratos de cerejas
- Biscoitos e bolos

Como vêm, o jantar foi lauto e no nosso regimen actual daria para os *menús* de uma semana. Se quizerem aproveitar... Agora o que lhes afianço é que não gastam com estas iguarias o que se gastou n'essa ocasião.

Essa victualha em porção sufficiente para toda a familia real e sequito custou ao erario a modica quantia de 350\$000 réis. Assim nos informa o livro de Modeste, tratando da passagem de Luiz XVI, pelo arcebispo de Meaux.

ROLHAS DECORATIVAS

E' frequente demorar-me deante das montras dos perfumistas, enlevada mais nas formas graciosas dos frascos do que mesmo na doce subtileza dos perfumes que, todavia tanto me encantam, mas, realmente, a industria da frascaria tem feito tão enormes progressos no ultimos anos, que das fabricas de vidro saem verdadeiras maravilhas de airosidade.

Não ha nada tão delicioso como vêr um toucador de mulher ostentando varios exemplares desse artigo dando uma nota de grande arte a esses quartos que tão intimamente andam ligados á historia amorosa de todos os tempos civilizados.

Decorando a rolha dos frascos juntamos arte uma nota picante de pitoresco, quando as garrafas são bonitas, e embelezamolas' quando vulgares.

O nosso desenhador apresenta-nos na gravura que acompanha estas palavras, dando-lhes vida, varias formas novas de usar e ornamentar as rolhas. Podem-se recortar as de cortiça, de maneira a dar-lhes a semelhança de boneco, —fétiche, como se vê na garrafa mais alta. Pinta-se-lhe um rosto de negro e para fazer o cabelo cortam-se franjas de papel preto. A cabeça dum «pierrot» é tambem de facil execução, seguindo-se relativamente o mesmo processo; em lugar de cabelo faz-se-lhe um barrete de côr viva e uma grande gola aos gomos.



Tambem se pode dar á cortiça o feitio de cabeça de animal, revestindo-a em seguida de uma luva de pelica velha.

Recortam-se e pintam-se em gaze borboletas e tiralhos que se pregam ás rolhas, por meio de afinetes e cobre-se as tampas de crystal com flores artificiaes, cujo perfume, quando naturaes. corresponde ao liquido que o frasco encerra:

A Academia Scientifica de Beleza, no Rio de Janeiro



Referindo-se ao chá dansante oferecido, em agosto findo, á sociedade carioca, pela directora da Academia Scientifica de Beleza, escreve *A Revista da Semana*, do Rio de Janeiro:

Festa verdadeiramente encantadora foi o lindo chá-dansante no Palace Hotel, que a directora da Academia Scientifica de Beleza, de Lisboa e do Rio de Janeiro, *Madame Campos*, e seu distincto filho, sr. Fausto de Campos, o'ereceram na semana transacta á sua fidalga e tentela e a uma escolhida porção da melhor sociedade carioca. Coincidiu essa festa, organizada por *Madame Campos* com tão rara distincção, com a solemndade inaugural do seu novo Instituto no Rio de Janeiro, a rua Sete de Setembro n.º 408, recebendo a Ilustre profissional, por esse motivo, os maiores elogios á sua obra de especialista competéssima, pos-u'dora de varios processos modernos e absolutamente eficazes pa' a emlezaumento d. s sei horas e creanças. O chá decorreu entre as 16 e 19 horas, no meio de animadas danças, d' monstrando-se *Madame Campos*, que pertence á primel'ia sociedade lisbonense, e o sr. Fausto Campos, que é um verdadeiro tipo de *gentleman*, de uma gentileza inexcédvel para com os seus illust'es e numerosos convlados. As nos'as gravuras reproduzem aspectos da encantadora festa, destacando-se ao centro *Madame Campos* e seu distincto filho o' sr. Fausto de Campos

SABE-SE LÁ...



ERA a hora em que o sol, no ocaso, encharca o horizonte com a sua luz vermelha de fogo. No confortavel aposento, onde se aglomeravam os mais preciosos *bibelots*, primores de Arte e de bom gosto, Maria Luiza meditava...

De repente levantou-se e, acercando-se de um *cache-pot* de Sèvres, repleto de rescentes magnolias, aspirou-lhes o perfume, murmurando:

— Os perfumes são como as melodias... renovam saudades!... Pobre Luciana!... Eram as suas flores predilectas, as orquideas e as magnolias...

Tornou a deixar-se cair dentro de um *maple* que a atraía, de braços abertos, como que a sugerir idéas de espreguiçamentos voluptuosos... E novamente se deixou arrebatar na torrente de seus pensamentos...

Relanceando os olhos pelo cartão de visita que a creada acabára de lhe entregar, Maria Luiza ficou-se um momento perplexa, ao lêr: *Fernanda de Lencastre*.

— Mande entrar, para aqui—disse, depois.

Um instante apoz, assomava á porta uma senhora edosa, mas ainda esbelta dentro da ampla capa de setim preto que a envolvia toda. Logo Maria Luiza correu para ela e, abraçando-a com carinho, a interrogou:

— Como adivinhou que eu tinha chegado, querida madrinha?!...

— O meu affecto de quasi mãe... Foi ele o alviçareiro!...—redarguiu, sorrindo, a recém-chegada que, depois de corresponder ao cari-

noso acolhimento da afillhada, em termos de egual affectuosidade, indagou com um interesse em que, tra nsparentemente, havia mais que curiosidade, apenas: — Mas conta-me lá, minha querida Maria, porque partiste assim tão de repente... sem avisares... sem um simples adeus?

E, não lhe dando, sequer, tempo para responder:

— E' verdade: e Luciana?... Não a vejo! Esquecia-me de perguntar por ela...

— Nada sei a seu respeito, a não ser que entrou para nm convento, em Espanha...

— Estás a brincar?!...

— Juro-lhe que falo sério.

— Amores?...

— Eu lhe conto...

Levantou se. Foi abrir a janela que deitava para o jardim onde as arvores tinham sussurros de sedas amarfanhadas. Um perfume, formado por mil perfumes variados de flores, invadiu o aposento. Maria Luiza pegou duma almofada, colocou-a junto da *ottomane* onde Fernanda se sentara. Sentou-se aos pés desta e principiou:

— Como a madrinha sabe, costumavamos sair sempre juntas, eu e a minha dama de companhia. Ultimamente os nossos passeios a cavallo eram quasi diários, sucedendo-nos sermos seguidas por um cavaleiro desconhecido, mas gentil, elegantemente vestido e com todo o ar de um verdadeiro *gentleman*. Será necessario confessar-lhe que entrou de me interessar, o nosso seguidor, e que era com intimo prazer que me sentia fitada pelos seus belos olhos negros... como noite de misterios?!...

— A beleza não passa da ilusão dos sentidos, minha filha!...—conceituou Fernanda.

— Não diga tal, madrinha! A beleza é dom sagrado, realza absoluta! Escrava e governa tudo, ao sabor do seu capricho!... Mas não me interrompa...

— Continua...

— Sempre seguidas pelo desconhecido, continuaram os nossos passeios, cujo principal en-



canto, por fim, afirmo-lhe, era ele, apenas ele. . Na ante-vespera dos anos de meu pae, resolvi não sair, para lhe escrever um longa carta de felicitações. . . Além de que me sentia fatigada. . . Preparava-me para começar quando Luciana entrou, confusa e esfogueada. Sem mais preambulos, disse-me, tremula a voz de mal contida comoção:

«—Chama-se Jorge de Brito e ama-me!»

«Compreendi tudo. Para dominar, porém, um tanto, os nervos, fiz-me desentendida. Indaguei, sorrindo:

«—Jorge de Brito?! Ama-te?! Mas de quem se trata?...»

«Então, Luciana, com a franqueza e simplicidade que punha em todos os seus actos, estendeu-me um pedaço de papel roxo em que estavam escritas, pouco mais ou menos, estas palavras: «Adoro-a! Se lhe não sou indiferente, consinta que lhe diga, ou lhe escreva, quanto affecto lhe consagro—Beija-lhe as mãos, Jorge de Brito» e, mais abaixo: «Se aparecer á janella, é porque consente que lhe escreva».

«Li aquele estúpido bilhete e juro-lhe, madrinha, que daria de bom grado muitos anos da minha vida para que. . . me fosse dirigido! Que quer, não ha nada mais imbecil que uma creatura apaixonada?! . . .

«—Como te chegou, esse papel, ás mãos?—inquiri de Luciana.

«—Atirou-m'o para o jardim, quando eu ia passando.

—»Como nos romances! Bravo!—comentei de má sombra, embora aparentando a maior despreocupação.

«Em seguida conversamos demoradamente. Disse-lhe que tinha resolvido, em vez de escrever, ir, pessoalmente, dar os parabens ao papá. Partiria no dia seguinte, de manhã. E para, de todo, lhe afastar do espirito qualquer vislumbre de suspeita, comuniquei-lhe que a dispensaria de me acompanhar. Pois que aqueles amores iam tão bem iniciados, não queria, de maneira alguma, influir para os contrariar. Liberalisei-lhe, com tudo, prudentes conselhos. . . Uns sinceros, outros quanto artificiosos! . . . E' que, por mais que me aparentasse boa, Deus sabe quanto me sentia má! . . .

«Para encurtar: parti, de facto, no dia immediato para a quinta. Mas só me demorei, lá, uns dois dias. Seguí, logo, para Italia, onde estive cerca de um mez. E mais tempo me conservaria, se não recebesse um telegrama, de meu pae, a chamar-me com urgencia.

«Não lhe sei dizer o que

sofri durante esse tempo! Horas tremendas de lucta, que me roubavam toda a energia e felicidade de viver. . . Sentia subitas alucinações, esvaimentos dos sentidos, arroubos de estonteadora embriaguez. . . Que desgraçada me tornara esse sonho, tão breve transformado em pesadelo! . . . Oh! quantas vezes, mordida pelo ciume, cheguei a odiar a pobre Luciana! . . .

«Quizera esquecel-o! Desejava-o sinceramente, ardentemente! Mas o seu nome, a sua figura, sobretudo aquele seu olhar negro. . . como noite de misterios. . . eram uma atracção de tanta delicia e de tanta amargura que, quanto mais eu lhe fugia, mais me prendia! . . .

«Tendo partido, logo que recebera o telegrama, contou-me meu pae, á chegada, que Luciana se ausentara, repentinamente, sem dizer para onde ia, deixando ficar uma carta para mim.

«Era a historia do seu sonho. . . tambem transformado em pesadelo. . . Jorge trocara-nos. Julgara ser, ella, a filha do banqueiro e, eu, a dama de companhia.

«Fôra mal informado, o gentleman! . . . E pois que Luciana, com toda a franqueza, desfizera o engano, não lhe tornara a aparecer. . . A pobre, comprehendera tudo. . . Era de facil comprehensão! . . . Sentira-se envergonhada daquelle amor que, para mais, infelizmente, bem sentia, bem via, não poder banir do coração! . . . E lá se fôra para Espanha, ocultar as lagrimas no recato dum mosteiro, sem testemunhas, esperada em matar a sua desgraçada paixão ou em a paixão a matar a ella. . . Pobre Luciana!

—E tu?—indagou Fernanda—como foi que a tua hipersensibilidade se houve perante o inesperado desfecho do romance. . . de Luciana?

Maria Luiza sorriu. Em tom grave respondeu:

—Aquella troca de. . . pessoas, foi a minha salvação, bem sei; foi como que uma mão protectora e invisivel a arrancar-me do precipicio onde, d'olhos fechados, me despenharia! . . . Mas, que quer, madrinha? . . . sinto que sofreria mais, muito mais. . . se elle a tivesse amado! . . .

Não disfarçando um movimento de revolta, Fernanda redarguiu-lhe:

—Será possivel que ainda ames esse homem?! . . .

Ao que Maria Luiza respondeu com todas as harmonias da tristeza e transparecerem-lhe na voz:

—Sabe-se lá, nunca, quando um amor acaba! E' como quando cemeça. . .



MARTHA.

Ilustração Portuguesa

2.ª SÉRIE

8 — SETEMBRO — 1923

N.º 916

Comemoração do 8.º aniversário da Campanha do Sul d'Angola



Um trecho da mesa do banquete de oficiais combatentes d'Africa, realizado no dia 5, na Torre de Belém, sob a presidência do sr. Presidente do ministério e com a assistência do sr. Ministro das Colonias.

(Cliché Salgado.)

O chá da empresa do Teatro de S. Luiz, em homenagem a La Goya



A aplaudida tonadillera La Goya (apoiada à mesa), tendo, à esquerda, as actrizes Elisa Santos e Zulmira Miranda. Entre a assistência veem-se mais os srs. Luiz Carlos, Roberto, E nélio Segurado, Al nã Nogueiros, actrices Rosa Mateus e Ghira, etc., etc. (Cliché Salgado.)

PORTUGAL EM MARROCOS

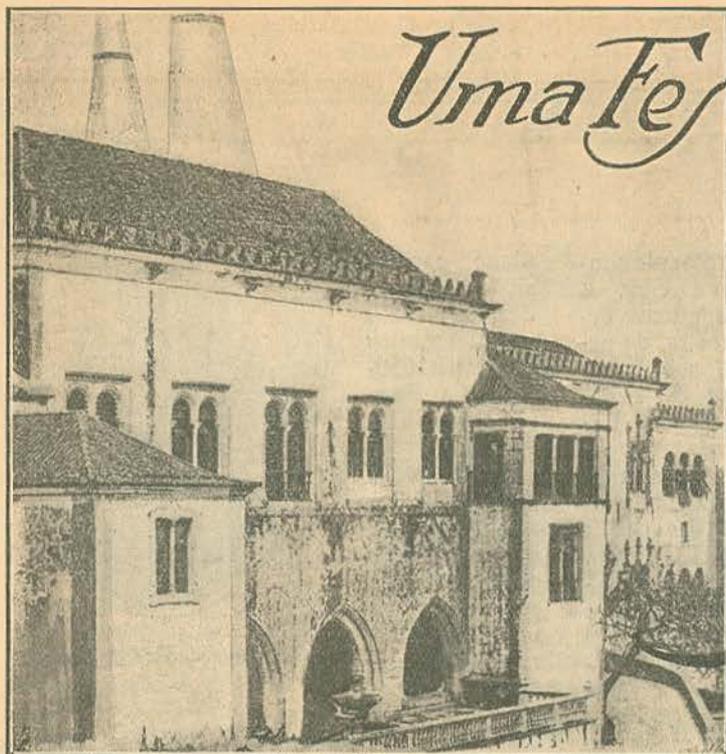
CASAMENTOS ELEGANTES



O zelador dos monumentos portugueses, em Marrocos, D. Marianno Ferrer Bravo, recebido, a bordo do Usaramo, pelo sr. Afonso Dornelas, à chegada a Lisboa, no dia 2, acompanhado por sua esposa e filha (Cliché Salgado.)



O sr. Anacleto Alves Diniz, incorporado no exército de Siwal, e a sr. D. Maria Natividade Rezende Lopes, cujo enlace matrimonial se realizou no dia 25 do mês de julho (foto), no Barreiro (Cliché Rezendes.)



Uma Festa de Arte no Paço de Sintra

A *Pro Arte* é uma associação de artistas portugueses em cujo plano entram a musica, as letras, as artes plasticas e o teatro. Fundou-a um musico notavel: Francisco de Lacerda. Em Cintra, na sala dos Cisnes, do vestusto e historico palacio, promoveu a *Pro Arte*, na noite de 25 de agosto, um concerto de musica de camara, precedido de uma curta conferencia em que o dr. Reinaldo dos Santos recordou as mais belas tradições do local. A musica e o teatro tiveram naquele paço e naquela sala, atravez de alguns seculos, encendrado culto. Ali representou Gil Vicente os seus autos. Ali os altos negocios de Estado, no tempo de D. Manuel, se resolviam com o acompanhamento da musica que executavam tangedores procedentes de toda a Europa. Ali, aos domingos e dias santos, o rei afortunado jantava e ceava ao som de charame-las, sacabuxas, cornetas, harpas, tambores e

rabecas. Ali se ouviram os alaudes e os pandeiros evocando a musica mourisca. Ali se reuniu, no tempo de D. Maria I. mas já na capela, que foi mesquita, segundo as cronicas, a primeira orquestra da Europa, os primeiros musicos e os primeiros cantores, no dizer de Beckeford, que acrescentava que nem o proprio Papa os possuia mais distintos...

Na sala dos Cisnes, que conheceu os maiores poetas, os mais sugestivos trovadores, os maiores artistas dos seculos gloriosos, se realiso o sarau de 25 de agosto, á luz frouxa de velas e brandões, que ardiam em lustres e tocheiros, para se não profanarem com a fulguração crua das lampadas electricas as amortecidas côres do tecto admiravel em que, de aureos gorjaes de campainhas, os vinte e sete

cisnes teem cada um a sua attitude inconfundivel, e os azulejos arabes que revestem as paredes,

Lida a in-



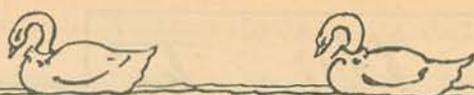
D. Maria Dewander
Gabriel



Tomaz Teran



Dr. Reinaldo dos Santos



O maestro Francisco de Lacerda.

teressante conferencia, a magnifica orquestra de arco, sob a batuta de Francisco de Lacerda, interpretou de maneira magistral de Corelli (1653-1713), Bach (1685-1750), Rameau (1683-1764) Stamitz (1717-175.), Vivaldi (1680-1743),

piano, composições de Haendel (1685-1759) e Alessandro Scarlatti (1659-1785) e Faure, Borodini e Rorsakoff.

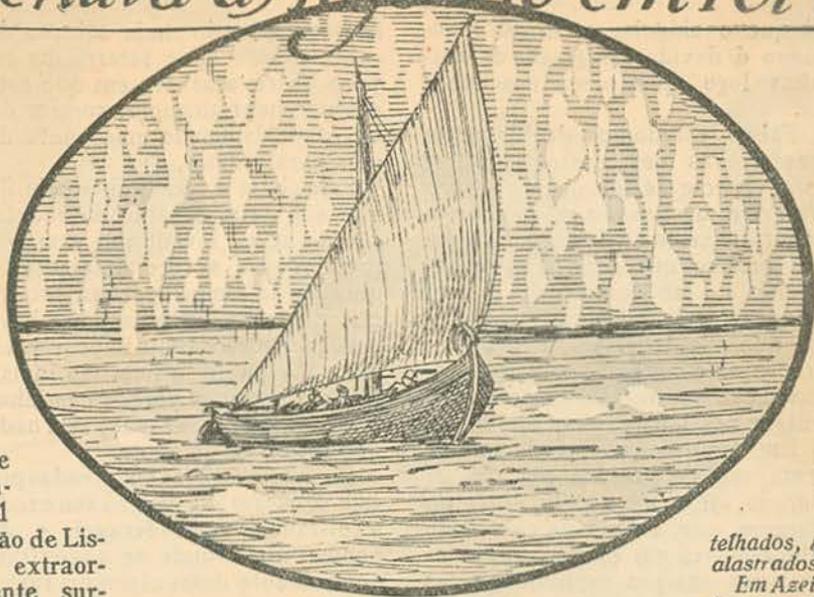
Noite esplendida, a que animou a sala nua e deserta dos Cisnes, que se encheu de uma multidão recolhida e ansiosa por saborear um dos mais raros prazeres intellectuaes e esteticos, tal o que lhe foi proporcionado pela *Pro Arte*. Quando, prosseguindo no cumprimento do seu programa, nos dará, no mesmo recinto, a benemerita associação o estranho espectáculo de um auto do mestre Gil, resuscitado a preceito? O nosso grande actor Eduardo Brazão pertence á *Pro Arte*, como dirigente da secção teatral. Ninguem mais indicado para organizar esse espectáculo, por todos os titulos recomendavel.

Tschaikowsky, Schumann e Grieg as mais inspiradas paginas, rescendendo um eterno perfume de beleza; o virtuose espanhol Tomaz Têran, ao piano, executou maravilhosamente Domenico Scarlatti (1685 1757) e Daquin (1694-1772) e Albeniz, Granados e Manuel de Fall, os modernissimos em contraste com os do seculo XVII, que não são menos impressionantes; D. Marina Dewander Gabriel cantou, por forma deliciosa, com orquestra ou ao



A sala dos Cisnes, tal como estava decorada ao tempo da rainha D. Maria Pia

Uma Chuva d'Algodão em Portugal



F M 6 de
Novem-
brode 1811

a população de Lisboa ficou extraordinariamente surpreendida por um phenomeno, que, por estranho e não lhe encontrar explicação, a trazia espantada.

Fôra o caso que no referido dia e ano, estando o tempo claro e sereno, de repente, entre as 11 horas e o meio dia, começou a cair do ceu, em volta de Lisboa e estendendo-se por uma longa area, uma chuva pegada de algodão, cujos fios vinham lentamente descendo do espaço cobrindo-o todo.

Supersticiosa, a população da capital tomava esta estupenda e incompreensivel chuva como presagio de calamidades a sobrevir, no dizer do informador que deu noticia do facto nos seguintes termos:

MEMORIA SOBRE A PRETENDIDA CHUVA DE ALGODÃO QUE CAIU EM ALGUNS LUGARES DAS VISI-NHANÇAS DESTA CAPITAL EM O DIA 6 DE NOVEMBRO DE 1811

Em o dia seis do corrente mez de Novembro, entre as onze horas e meio dia, estando o tempo claro e sereno, houve em alguns lugares não mui distantes desta cidade, uma especie de chuva de flocos brancos como os de algodão, que cahiam das nuvens e cobriam o ar.

Em o lugar de Linda-a-Velha, e um raio de meia legoa de extensão, se viu esta chuva extraordinaria, parecia estar nevando. O vento tinha passado ao norte algum tempo antes e apenas assoprava, os flocos vinham descendo muito

lentamente até aos campos, arvores e telhados, que ficavam alastrados deles.

Em Azeitão, Palmeira e em uma grande extensão de terreno circumvisinho succedeu o mesmo e á mesma hora. O lugar, porém, donde pude obter informações mais exactas foi do meo do Tejo, em direito de Valada, aonde um amigo meu que vinha embarcado para Lisboa foi testemunha do que vou referir.

A pouca distancia daquela povoação, ás onze horas e meia da manhã, via-se sobre o Tejo, em maior altura da atmosfera que os olhos podiam alcançar, uma imensa quantidade de flocos de uma brancura extraordinaria, e semelhantes aos que apresento.

Vian-se vir descendo pouco a pouco, seguindo a direcção do vento que era a mesma que trazia o barco, o qual em pouco espaço ficou coberto deles, e de uma immensidade de aranhas, que com a maior agiltude corriam por todos os lados.

O Tejo ficou coalhado dos mesmas flocos e insectos, que nadavam com mult. ligeireza por cima da agua. Mas como o barco vinha sempre navegando desviava-se do lugar da scena, que o acompanhou mais de meia hora, não cessando durante este espaço de cahirem os insectos e os flocos, que eles mesmos se viam vir tecendo no ar...

(Memorias da Academia Real de Sciencias de Lisboa. 1.^a Série, T. III, Parte II, fl. 85).

O auctor desta noticia, Sebastião Francisco Mendo Trigo, esforça-se em querer explicar o caso com razões que hoje não colhem por se saber



já que o singular e curioso fenomeno é devido á migração de aranhas logo apoz o seu nascimento.

Fabre estudou-o devidamente nas epuras dos nossos jardins, cuja especie designada por *epura diadema* ou *aranha porta-cruz*, o leitor de certo conhece pela linha em branco que orna a parte superior do abdomen e pela teia admiravel de perfeição geometrica que ela tece. Os naturalistas francezes e inglezes apontam a maravilhosa occorrecia como sendo vulgar nos seus paizes.

Em França os fios de que se trata são conhecidos por *fios de outono*, *fios de Maria*, *fios da Virgem*, que, em vez de cairem do alto como cá em chuva, alastram-se pelos campos vestindo rados e matos com tamanha quantidade e largura de terreno, que sehem na sua brancura a roupa que as lavadeiras põem a secar estendendo-a sobre o chão.

Não falta mesmo os seus flocos pendurarem-se das arvores em flamulas e galhardetes simulando, quando a luz incide sobre eles, trofeus tecidos de prata, que a aragem docemente baloiça numa palpitacão suave e branda.

Afinal o facto resume-se no seguinte. Depositam as epuras os seus ovos em delicados casulos forrados de macio feltro, por dentro, cada casulo chegando a conter por vezes mais de mil ovos. Basta pois, um pequeno numero destes casulos para as jovens aranhas, ao sairem dos seus flacidos berços, constituirem um exercito prodigioso de emigrantes, que mal vêm a luz do dia e tomam o seu primeiro banho do sol tratam de se afastar do lugar do seu nascimento, forçadas, ou pelas necessidades da alimentacão ou á procura de quartéis de inverno

O exodo faz-se de uma forma digna da nossa atencão. A emigrante, logo que se sente apta para a sua viagem vai trepando pelas arvores até os seus pontos mais altos e chegando aqui passa de arvore a

arvore. Quando haja soluçao de continuidade e se interponha espaço entre a arvore em que está e a que quer alcançar, corta a dificuldade lançando uma ponte de uma para a outra.

Esta ponte é constituída pelo fio que ela deita a sabor da ondulação do ar e, levado por esta, vai prender se á arvore almejada. E' questão de tempo apenas e paciencia. Então a emigrante caminha pela passadeira assim improvisada, aliás tão subtil e fina, tão invisivel, que o animal parece caminhar como milagre pelo espaço sem nada que lhe sirva de apoio.

Quando as viajantes levadas por este processo chegam no seu exodo a distancias consideraveis e de pontos altos onde se encontram vêm diante delas clareiras vastas que não podem vencer com a ponte de fios que lançam, tratam então de descer das suas posições usando de um meio que só milhares e milhares de anos depois o homem, com a sua maravilhosa inteligencia, havia de vir a descobrir. Servem-se de para-quedas.

E' este representado por um cesto que a aranha tece e em que se mete depois, prendendo a ponta do fio a um ponto do objecto em que se encontra. Vai-o largando então e vem por ele descendo, caindo lentamente, vogando no espaço com a ondulação leve do ar que vai baloiçando o cesto até alcançar o chão.

E' a chuva de 1811. Por vezes a quantidade de flocos caídos é tão grande que o seu conjuncto constitue um verdadeiro mar de cestinhos, que ao nascer do sol o orvalho rocía com as suas perolas e a luz irisa em reflexos de joias como reais pedras preciosas.

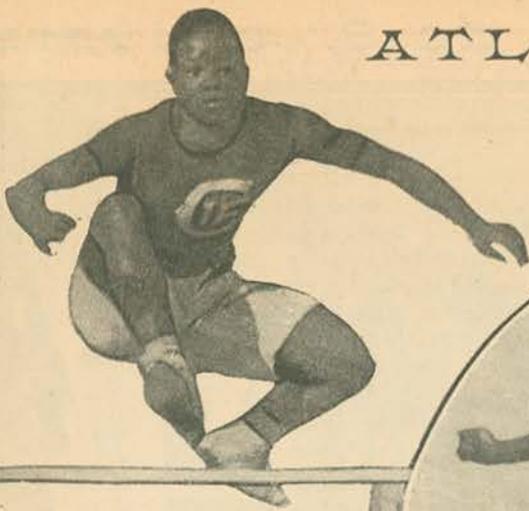
Lister viu numerosas vezes vãos desta natureza dados do cimo da cathedral de York e Darwin conta que estando a sessenta milhas da costa observou milhares de pequenas aranhas vermelhas invadirem o navio em que se encontrava.

LUDOVICO DE MENEZES.



ATLETISMO

(AS PROVAS DE DOMINGO)

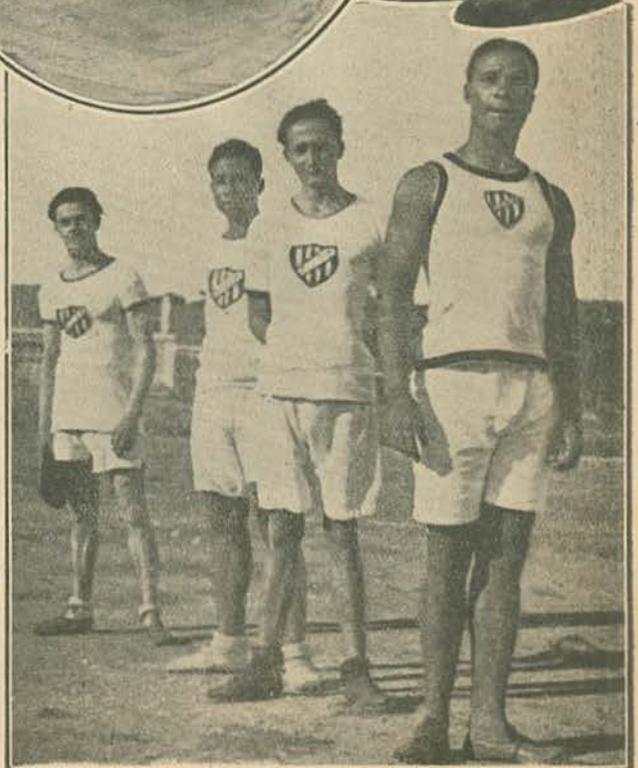


Honório Costa, vencedor dos 110 metros (barreiras)



Angelo Mendonça, 2.º classificado nos saltos à vara

Em cima: Pedro de Almeida, o 3.º classificado nos saltos em altura



Equipe do G. S. C. Q., 2.º classificado na Taça Antonio Stromp. — Gentil dos Santos, vencedor dos 200 metros

Comemoração do 8.º aniversário da campanha do Sul d'Angola



A parada do dia 4, na Avenida da Republica

O sr. Presidente do Ministerio, colocando, em nome do Chefe do Estado, ausente por doença, as insignias do Valor Militar na bandeira do 1.º esquadrão dos Dragões de Mossamedes, que lhe é apresentada pelo major sr. Aragão, comandante da referida unidade (Cliché Salgado.)

Carreira de tiro das Caldas da Rainha



O coronel sr. Freiria, ao tempo ministro da guerra, dando, na carreira de tiro das Caldas da Rainha, recentemente inaugurada, o tiro inaugural

RANCHO DA MOCIDADE DE MORTAGUA



O Rancho da Mocidade de Mortagua, organizado pelo juiz dos festejos que se realizaram, no dia 14 do mez findo, naquela vila, sr. Joaquim d'Oliveira, e que se celebrou com brilhantismo, agrid. aos esforços do seu ensaiador, o professor sr. Manuel Albuquerque de Mat. s (Clché Borges Pinto.)



Leonel Cardoso

Caricaturista Caldense

Leonel Cardoso, o moço caricaturista, que todos os anos oferece à Colonia Balnear da sua terra—Caldas da Rainha—como mimo de singular bom gosto, a exposição dos seus trabalhos a lapis e aguarela, obteve este ano mais um assinalado triunfo, expondo, além destas ultimas figuras caricaturaes em barro, de costumes populares. São verdadeiros achados de expressão e côr local, trabalhados com ternura, como, de resto é, tudo quando expõe.

A sua Arte, muito sua, muito pessoal, nunca choca, nunca irrita. E' toda sensibilidade, feita dum sorriso discreto, sem ancias demolidoras, mas tambem sem

subserviencias que se não coadunam com o seu feitio moral.

Os traços vincados das figuras, os aspectos pitorescos de dia a dia, até mesmo os grotescos que a sua observação risonha topa a cada passo, cõa-os, ao dar-lhe relevo no papel ou no barro, atravez duma intenção cheia de tanta bondade que lhe suavisa e amacia os contornos, sem todavia lhe diminuir a expressão. Veja-se por exemplo aquele triptico miniatural *Pierrot e Columbina*, *Freira orando* e *Santo Antonio partindo as bilhas*, todos eles tão delicados de pensamento como de composição. Mais adiante aquele apontamento de uma noite de chuva miudinha, tristonha, numa rua lobrega, com as figuras recortadas na bruma, pela luz embaciada dum candieiro solitario.

E mais além, ainda, aquele interior de



O alar das rédes, aguarela

taberna «rembrandesco» com esgares de vício nas caras esqualidas dos frequentadores a dizerem miserias. E ainda, mais além, entre as caricaturas pessoasas, as do dr. Joaquim Manoel Correia, dr. Mario Ramos, Joshua Benoliel, Guilherme Coutinho... Mas para que estar pormenorizando mais? Não o chegaria de certo uma pagina da *Ilustração*, em compacto elzevir, para citar de entre todos os trabalhos, só aqueles que merecem nota especial. E se para a simples cita-

Caricatura de D. Antonio Gijon



ção, essa pagina não chegaria, muito menos para a reprodução d'eles. Contentem-se pois os leitores em vêr as reproduções d'aquela pequena maravilha de luz e de movimento que é o *Alar das rêdes da Nazaré* e dentre as caricaturas pessoasas a do distincto medico madrileno D. Antonio Gijon, que em Caldas está veraneando.

Duas figurinhas (costumes populares) a barro



Só por si marcam bem a maneira do Artista, de ano para ano mais perfeita.

Caldas, 25-3-23.

BRANCO LISBOA.

José Barbosa



Eminente republicano, membro do Directorio que implantou a Republica, jornalista distincto e presidente do Conselho Superior de Finanças, falecido em Lisboa no dia 3 do corrente

Hermes da Fonseca



Ex-presidente da Republica Brasileira no quadriennio de 1910-1914, cujo estado de saude á data das ultimas noticias, recebidas do Rio de Janeiro, era considerado melindrosissimo

Ha Muitos Anos...

NICOLAU TOLENTINO D'ALMEIDA

PASSA, amanhã, o 183.º anniversario do nascimento de Nicolau Tolentino, vindo ao mundo pouco depois da meia noite de 9 de setembro de 1740, no predio com os n.ºs 26 a 30 da calçada de Santo André.

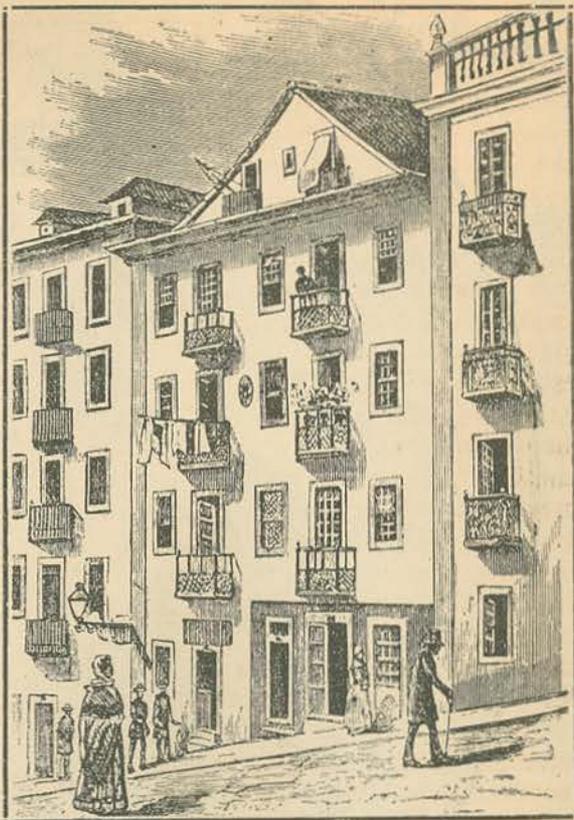
Filho do advogado da Casa da Suplicação e familiar do Santo Officio, dr. José d'Almeida Soares, e de D. Ana Tereza de Brito, foi seu padrinho, a quando do baptismo, que se realisou no dia 16 do mesmo mez do nascimento, na antiga egrreja dos Anjos, o filho primo-genito dos condes de Vila Flôr.

Tendo feito os preparatorios em Coimbra, cursou a Universidade, aliás muito irregularmente, de 1760 a 1769. Já antes, em 1767, fóra nomeado professor régio de retorica e poetica, e foi, em 1781, nomeado official praticante da secretaria de Estado dos Negocios do Reino; em 83, nomeado official ordinario da mesma secretaria; em 90, nomeado cavaleiro fidalgo; em 93, agraciado com o habito de Cristo; e, em 1807, aposentado como professor.

São estes os principaes topicos da sua vida official. Da sua vida litteraria, temos que publicou os primeiros versos em 1799, na *Isclanea curiosa e proveitosa*, e, em 1801, a 1.ª edição das suas *Obras poeticas*, em dois volumes, por sinal, que tendo sido impressas, gratuitamente, na Officina Régia, e havendo-lhe rendido o melhor de 12.000 cruzados, graças á generosidade dos fidalgos para quem, como se sabe, o vate apelava constantemente e parece que, tambem, um tanto ou quanto... parasitariamente.

Grande parte das suas suas produções visam, como se sabe, a implorar a caridade, sem que, aliás, disso houvesse necessidade de maior, segundo os seus melhores biografos. Isto não impede que fosse um dos nossos mais apreciados poetas satiricos.

Faleceu, tambem em Lisboa, em 22 de junho de 1811, na casa da rua dos Cardaes de Jesus que, ao tempo, tinha o n.º 35, não sendo conhecido nenhum retrato seu, motivo por que, neste simples registo de um facto nacional occorrido «ha muitos anos», não lhe damos publicidade, como desejaramos, juntamente com as gravuras que acompanham esta noticia.



Casa da calçada de Santo André, onde nasceu o poeta



Casa da rua dos Cardaes de Jesus, onde Tolentino faleceu
(Desenhos de J. R. Cristino—O Occidente, n.º 278.)

"Estrelas" e "Azes" do Cinema



A actriz
Claretta
Ross,
da
Quirinus-
Film

Doris May afirma possuir uma particularidade que até agora só tem sido atribuída aos gatos, dizendo que vê perfeitamente na maior obscuridade.

—Fred Thompson, conhecido atleta e artista cinematográfico, demonstra a sua extraordinária força dobrando com a maior das facilidades um dolar, entre o polegar e o indicador da mão esquerda.

—Ha cerca de tres anos, Jacq O'Brien fez publicar um anuncio num periodico americano, em que pedia uma esposa, e como até hoje ainda se encontre solteiro, relatamos o caso que talvez interesse a al-



André Nos,
protagonista de O Pensador
e
Almas do Oriente, do programa Gaiumont

guma das nossas leitoras.

— Frank Mayo, um dos grandes novos azes do écran, tem uma relutancia extraordinaria pelo sal, condimentando os seus alimentos com açúcar. É sobretudo de frutas que este artista se sustenta.

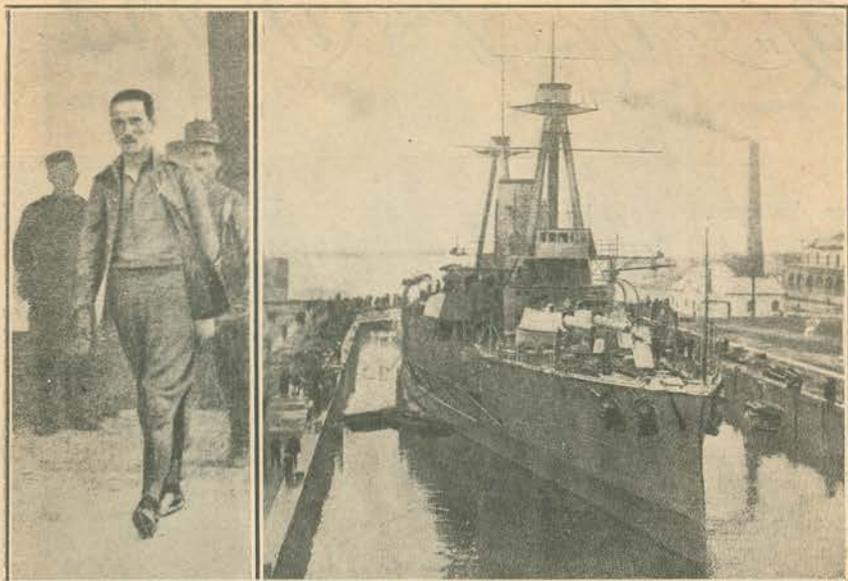
— Joe Ryan possui um carro de grande força e com uma *carrosserie* muito extravagante assemelhando-se a um gigantesco coleoptero, pelo que o seu possuidor de o batisou com o nome de *Escaravelho*. A invulgaridade do carro ainda mais tem aumentado a popularidade de Joe Ryan.

— Joseph Henabery é um devotado amator de colecções, possuindo um pequenino, mas, valioso museu, entre as obras primas do qual o artista conserva um curioso punhal com que tentou suicidar-se no dia em que a sua primeira noiva o abandonou.



Irene Rich,
a insinuante interprete de Oropel
de
Warner Brothers

A ESPANHA EM MARROCOS



O cabo José Sanchez Barroso, promotor da rebelião de Malaga, que, condenado á morte, foi amnistiado pelo rei

O couraçado España, que, devido ao espesso nevoeiro, encalhou, no dia 26 do mês findo, no Cabo das Três Forcas, costa do Rif.



Os primeiros soldados espanhóis que embarcaram para Melilla, no porto de Malaga, após a rebelião que se produziu naquela cidade, no dia 23 do mês findo



General Weyler

Mais uma vez posto em destaque pela questão marroquina

General Marzo

Recentemente nomeado para o cargo de comandante geral de Melilla

Aviador Cezar Harráz

Que, tendo tido de abatter no Cabo Quilates, foi aprisionado pelos mouros

Aviador Jaime Baeza

Carbonizado, bem como o aparelho, ao tentar manobrar Tefaurin



Desembarque da coluna Pardo em Afran



Posição de Dar Akoba, que, atacada pelos mouros, foi eficazmente defendida pelo regimento de Ceuta

SEARA ALHEIA



—E lembrar-me eu, mamã, que estive apaixonada por aquele idiota, que nem pôs-se ver, agora!... Ah! Como os homens mudam!...
(De *La Vie Parisiens.*)



O marido—Que estás tu a olhar tanto para aquela viúva?...
A esposa—Estava a pensar em que sempre ha mulheres muito felizes!...
(De *Lustiger Blatter.*)



Ela—São tres horas. Vou, á modista, provar um vestido, e, d'aqui a dez minutos, estarei de volta...
Ele—Pois sim, mas não te esqueças de que o jantar é ás oito...
(De *Bueno Humor.*)



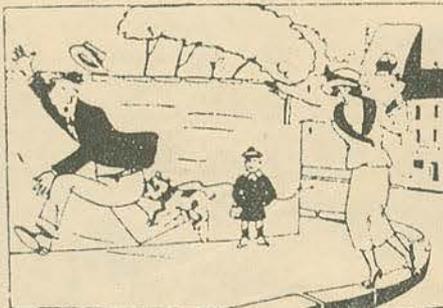
—Enão que tal vae o negocio, tio Procopi?...
—Assim... Imagine que perco um soldo em cada par d'atacadores!...



?... o que me vale é que, como vendo muitos, dá uma colsa para a outra...
(De *L'Intransigeant.*)



—Estou apertado por d'elheiro; se você me pagar o que me deve!...
—Homem, trate d's suas dividas, e deixe as minhas socegasas!...
(De *Le Petit Parisien.*)



—O' da guarda, que me rouba o meu cão!
(De *Le Matin.*)



—Estou farto da vida! Nem sequer as mulheres já me interessam!...
—Casa-te, meu velho, casa-te!
(De *Le Journal.*)



A reforma do Nacional e "A Fera" no Politeama

Os dois acontecimentos teatraes foram a publicação, em decreto, da reforma do Nacional e a primeira representação do drama *A fera*, de Ramada Curto. A reforma, ocupando vinte colunas da folha oficial, deixará tudo como estava, ou pouco menos. Diz-se, no relatório, que se pretendeu organizar e fixar o elenco para se poder organizar e fixar o chamado repertório de fundo, e que se teve ainda em vista favorecer a produção teatral portuguesa, assegurando a vida dos originaes de merecimento. Quanto ao elenco, a reforma determina que ele se componha segundo os generos dramaticos. Nestas condições, os logares são doze, correspondendo cada um a um genero, de modo que, dentro do elenco permanente da Sociedade Artística—porque continua sendo este o regimen—e no numero dos societarios, não ha segundas figuras. Para obviar a semelhante dificuldade, estabelece-se que os referidos societarios podem, em certos casos, deixar o *emploi* proprio para exercer outro que não ofereça grandes embaraços ao emprego das suas aptidões, e, por outro lado, ha a faculdade de contractar até seis artistas, que não ficarão pertencendo ao quadro ordinario, isto é a Sociedade Artística, numero que pode elevar-se, se as circunstancias o exigirem. Melhoram-se os vencimentos dos societarios, que ficam inibidos de sair e entrar com a facilidade antiga. O prazo de requerer começou no dia da publicação do decreto, ou seja a 30 de agosto, e expira no dia 15 do corrente. Quem vai requerer, mencionando o genero em que se julga particularmente habilitado? Não faltam conjecturas a tal respeito, mas acontece que muitos artistas receiam a falta de garantia do pagamento dos honorarios marcados no decreto. Os que não tem esse receio são os que confiam na probidade do novo administrador que é o sr. Lino Ferreira. No que toca ao repertorio, promete-se um subsidio anual de 150 contos que permita pôr em scena os originaes portuguezes reputados merecedores de representação e as peças consagradas da literatura dramatica portugueza do seculo XVI ao seculo XIX, inclusive. No entanto, os 150 contos ainda não se encontram á disposição da futura Sociedade Artística, porque ao Parlamento incumbem aprovar essa verba que ha de ser tirada de qualquer tributo lançado sobre scenas ou «explorações concorrentes do Teatro Nacional, de intuitos menos educativos.» A que se quer aludir? Naturalmente, aos teatros de revista e tambem aos cinemas que, por certo, vão protestar contra esse encargo. Os recursos do Tesouro não se compadecem, na presente conjuntura, com o dispendio de 150 contos, aliás uma verba pequena, em montagens de peças portuguezas, que as companhias de caracter particular tem sempre levado á scena sem recorrer a subsidios do Estado, ou das outras casas de espectáculo. O decreto, mediante essa coadijuvação financeira, determina que se representem quatro originaes em tres ou mais actos, de entre as peças aceitas e escolhidas. Desde que o subsidio fica pendente de resolução parlamentar, deixa-se de cumprir essa disposição que constituiu um dos motivos basilares da reforma? Eis o que vamos ver. Tudo, porém, indica que, não obstante no decreto, se preconizar essa protecção á literatura nacional e o escrupulo na escolha de peças estrangeiras, que serão as de fama universal, a futura época se assemelhará ás anteriores. Alguns artistas de merito, segundo corre, preferem ser contractados a fazer parte da Sociedade Artística e, quanto aos autores nacionais, ou aguardam a votação da verba, ou serão representados mercê do apreço e da dedicação que a Sociedade lhes vote, ouvido o parecer de um conselho de leitura. A falta de subsidio até talvez concorra para uma escolha mais severa dos originaes, de modo a não se correr o risco de vê-los naufragar, antes se procure que eles possuam qualidades bastantes para que alcancem exito não só

artístico, mas tambem de bilheteira. Quer dizer: muito embora o decreto de reforma seja um minucioso documento que ocupa quasi dez paginas compactas do *Diario do Governo*, a proxima época do Nacional é, por agora, um misterio, e será um verdadeiro milagre que tudo se organize em termos, no curto espaço do mez corrente, de sorte que em outubro a nossa primeira scena funcione regularmente. Dois pormenores curiosos queremos arquivar nestas ligêrras notas. As peças portuguezas podem ser recusadas, com quanto sejam boas, no caso de se verificar que para a sua montagem se necessite dispendir 5 contos, sendo regionaes ou de «composição», e 10 contos, sendo historicas. Conhecida a depreciação da nossa moeda, facil se torna observar que taes quantias não constituem razão de assombro, porque mal chegarão para satisfazer as minimas exigencias. Mas as peças que não forem regionaes, de «composição», ou historicas montam-se sem despezas, todas elas? E, afinal, para que serve o subsidio, a tal verba de 150 contos, destinada a contribuir principalmente para a montagem do repertorio novo e do repertorio de fundo? O outro pormenor é a organização de um conselho de leitura, constituido por um autor dramatico, um critico e um societario, todos de nomeação do governo. Pelo parecer que dêem sobre cada peça, os membros do conselho de leitura, que o assinarem, receberão cada um a quantia de 15 escudos. Ora peças não hão de escassear, especialmente das más, porque abundam as pessoas com a mania de escrever para o teatro. Admitindo que apareçam vinte, a remuneração de leitura e parecer por 300 escudos não paga a estopada que representa o exercicio de taes funções, nem indemniza das sensaborias que ele acarretará, além de que se vinculam responsabilidades a quem cumpre assumi-las apenas pelo que fizer como autor e como critico e não como censor previo. Porque se não alargaram os poderes da actual comissão gratuita de censura? O conselho de leitura, salvo melhor juizo, deveria ser simplesmente recrutado entre os societarios, que elegeriam dois representantes, um actor e uma actriz, e o administrador que, como se exara no decreto, «com inteira liberdade e a maxima responsabilidade», organiza o repertorio de cada época e constitue o repertorio de fundo, distribuindo os papeis das peças estrangeiras e de acordo com os respectivos autores, os dos originaes portuguezes, se eles não quizerem distribui-los. Um administrador a quem se conferem estas atribuições deve ser competentissimo para emitir voto sobre o valor das peças. Não lhe cerceiem, pois, as faculdades, impondo-lhe originaes. Deixem-lhe, bem como á Sociedade que administra, o responsabilisar-se pelo que levarem á scena. Demais, o novo administrador, o sr. Lino Ferreira, é um experimentado homem de teatro, um aplaudido escritor dramatico e sem esforço e com indiscutivel proficiencia se desempenhará da missão.

A fera, quatro actos de Ramada Curto, é um drama longo e violento que, por se passar no campo, os annuncios tolaemente classificam de «peça regional». O regionalismo consiste em o protagonista, um fidalgo simultaneamente bebado, satiro e pouco menos de estúpido, alem de consenciente homicida, envergar jaleca e calçar sapatos de salto de prateleira com esporas. D. Diogo, que tal é a graça do monstro, foi enganado, em tempos, pela mulher que morreu nova e bela. Ao amante mandou-o o fidalgo matar por dois sicarios. Ficou uma filha, que é o retrato da mãe, e por quem o pae se apaixona e arde em lubricos desejos. A repugnancia que isto poderia provocar no espectador atenua-a o facto de logo no inicio se saber, por intermedio de

(Continúa na pagina 334.)

Página Elegante



Um lindo penteado, como um lindo chapéo, estudados, um e outro, com o intuito de se obter o realce necessário ao tipo de beleza que se p' seer, é motivo de graves preocupações para o espírito feminino. Efectivamente, cada tipo de beleza requiere um pen-

teado especial e mal avisada andará a mulher que seguir cegamente e incondicionalmente as ideias da moda, sem primeiro verificar se as fantasias que a voluvel lhe apresenta são favoráveis ou prejudiciais ao effeito de embelezamento que preten se conseguir.





AQUI SE DIRA
DOS LIVROS
CUJOS AUTO-
RES, ENVIAN-
DO-OS A BI-
BLIOTECA DA
ILUSTRAÇÃO
PORTUGUESA,
MANIFESTEM
O DESEJO DE
SER FALADOS



ONDE SE CONVERSARA' COM OS
LEITORES A PROPOSITO DE TU-
DO E O MAIS QUE OCORRER.

UM POETA QUE RECLAMA

Do sr. Aleixo Ribeiro, autor do livro de versos *Claustros de Simbolos*, recebemos a seguinte carta:

«Ex.^{mo} sr. — Sujiço-lhe, me transcreva a seguinte ressalva a um mal entendido citado na sua recente critica ao meu «*Claustro de Simbolo*», com vista a certa ideia, que, decerto devido a uma infeliz suposição, lhe resultou de absurda exigencia de rima.

E' na quadra segunda do segundo orneto que compõe o poema «*Romance sem palavras*», que se lê:

*Mais ao entardecer, co'a pompa dum sacrario
Na sala do piano, as tuas mãos liriae
Evocaram de Field as arias noturnae,
Ao luzido clarão do velho lampadario.*

O que em melhor sintaxe, mas com prejuizo do ritmo, eu teria exarado textualmente: «*A ais do entardecer, na sala do piano, com (ou que tinha) a pompa dum sacrario, as tuas mãos liriae evocaram as arias noturnae de Field, ao luzido clarão dum velho lampadario?*»

Do que se depreende que é a sala do piano que tem a pompa do sacrario e não as mãos da mulher amada.—*Antecipadamente lhe agradece, Aleixo Ribeiro.*»

Registamos as explicações do sr. Aleixo Ribeiro, mas devemos observar que, admitidas elas, ainda não é de aplaudir a justeza da imagem. O que se entende pela «pompa de um sacrario» e como lhe pode ser semelhante a pompa de uma sala de piano? O sr. Aleixo Ribeiro se tivesse de explicar o que seja a «pompa de um sacrario», talvez se visse forçado a dar tratos á imaginação e á verdade. O que se encontra na quadra transcrita só com a interpretação do autor se percebe, embora, ainda assim, a comparação seja infeliz.

A TEOSOFIA E O NEO-ESPIRITISMO PERANTE A CRITICA

O jornalista catolico sr. Fernando de Souza atacou, rudemente, numa conferencia, o espiritismo e a teosofia. O dr. João Antunes, homem de rara erudição e a primeira autoridade em assuntos teosodicos no nosso paiz, responde-lhe, com grande brilho e sciencia vasta, num soberbo trabalho, inserto na *Isis* (Livraria Classica Editora) e que vale a pena ler. As afirmações e os processos do sr. Fernando são criticados magistralmente.

O ULTIMO SACRIFICIO.—Não senhor, não é publicavel.

F. D'AL.—A Educação da mulher é um artigo, de facto, sem cabimento na *Ilustração*; a carta Oscar, sem que ofereça novidade, teria um certo interesse se não fosse tão descuidada, li terariamente. O mesmo verbo empregado tres vezes, no mesmo tempo, em linhas successivas, um «que agora» muito pouco enfónico, etc. Diga á sr. D. Maria Tereza que releia o que escreve, não seja precipitada.

MLLE ROSA.—Usa-se muito para o «deshabillé» matutino, jaquetão de triplice crepe ninon estampado com graciosos desenhos de ouro e prata. Dá um pouco o efeito da pintura «pochoir», mas o processo é diferente e constitue segredo do fabricante. Parece que o tecido vai ao forno depois da estampagem feita. O crepe ninon pode ser lavado sem receio da tinta metalica se estragar.—D.

AIDA.—A seda limpa-se muito bem com a agua em que se tenham cozido batatas. E' mais eficaz quando se deixa esfriar até ficar morna.—D.

(Continuado da pag. 331)

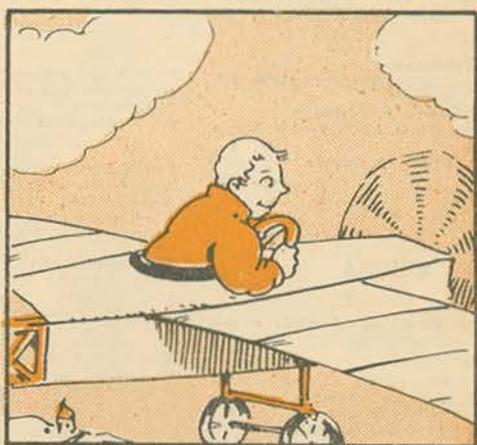
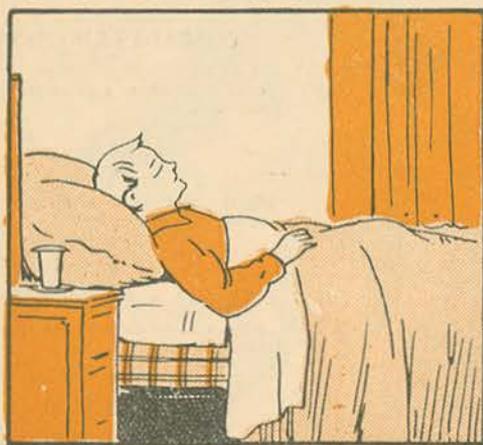
uma velha criada, que a menina é o fruto do adulterio cometido pela mãe, não lhe correndo, por isso, nas veias o sangue de D. Diogo. Isabel, que assim se chama a donzella, ama o picador da casa. O fidalgo opõe-se a essa inclinação e, para afastar o concorrente, recorre ao meio por que se desfez do amante da mulher: manda-o tambem matar á traição. O picador escapa da cilada; a serva, no intuito de proteger e defender a menina, a quem constantemente vigia, descobre a D. Diogo o misterio do nascimento de sua suposta filha. Os efeitos são contrarios aos que imaginava a velha. O fidalgo, liberto do vago escrupulo que lhe causaria a idéa do incesto, arremete com a menina, mais furiosamente. Nessa altura, os que o espiam para evitar o crime horrendo, surgem e D. Diogo não o consuma. No entretanto, um dos assassinos do amante da fidalga dá com a lingua nos dentes, a proposito do novo crime. D. Diogo alcoolizado, apoplectico, desvalrado, morre de subito, ao acometê-lo um ataque de furia. Os outros criminosos são presos e a fidalguinha pode casar com o seu picador, sob as benções de um velho padre capelão e as da criada que a viu nascer e nunca a desamparou um instante. *A fera* tem qualidades e tem defeitos, avultando, entre estes, o de, a partir do primeiro acto, e a travez dos que se seguem, ouvirmos, repetida na boca da criada, a historia do crime de D. Diogo e assistirmos á ameaça da segunda edição do homicidio que é, felizmente, evitada. Por isso mesmo, o interesse dramatico afrouxa. Ha um abuso grande dos dialogos successivos, sobrepostos, nomeadamente no segundo acto. As qualidades residem, de um modo especial, na linguagem que tem vigor e colorido sem artificialismo literario. No desempenho, salientam-se Alves da Cunha, no fidalgo; Berta de Bivar, na filha suposta; Maria Pinto, na criada; Antonio Silva, num servo, homem do campo. Coadjuvam-nos outros interpretes em papeis secundarios, convido não esquecer Lino Ribeiro. As senhoras discutiam muito as *toilettes* de Berta de Bivar, estranhando a ultima que vestiu e que foi julgada impropria de uma rapariga solteira e honesta. Scenario de um scenografo que é tambem notavel paisagista: Frederico Aires. Quando *Ramada Curto* se quiser cingir aos moldes adoptados na boa teatralização de um assunto, qualquer que seja, terá, inevitavelmente, alcançado um posto de evidencia e de honra entre os nossos melhores dramaturgos.

INTERINO



PAGINA INFANTIL

· O SONHO DO JORGINHO ·





ESFINGIA



E' do reino vegetal,
E' direito ou recurvado,
Como o tronco d'uma planta—1
E' brutal quando aplicado.

Agora falta saber,
Quem será o valentão,
Que saberá applicar-o
Na primeira colisão

Decifrações das produções publicadas no numero transacto:

Enigma: Malvarosa.
Charadas em verso: Trigonometria—Resumido.
Enigma pitoresco: Remoque.
Charadas em frase: Agravia—Ave Maria—Tamará.
Logogrifo: Certeza e duvida.

*

ENIGMA

(Dedicado a Pam, agradecendo o seu enigma)

Não é arte nem officio,
Nem movel, nem instrumento,
Animal, ou mesmo planta,
Nem tão pouco é instrumento.

E' crapula, vicio ou crime,
Ou talvez fatalidade,
Comtudo, quem n'ele caia,
Merece-nos piedade.

P'ra qualquer compreender,
Pouco mais vou explicar:
Sete letras tem ao todo,
Este enigma tão vulgar.

Apenas tres consoantes,
Vogaes quatro, e chega bem,
E se algumas são dif'rentes
Eguaes as possui tambem.

Quinta, quarta, e segunda,
Mais tercia e quarta a findar,
Madeira de algum valor,
Com certeza hão de achar.

Se á setima, quinta e sexta,
Segunda e quarta pusér,
Temos pessoa de bem,
Infeliz quem não tiver...

A primeira, quinta, sétima,
Com tercia logo a seguir,
Dá-nos pequeno instrumento
P'ra qualquer se divertir.

Nada mais posso dizer,
Bastante vos disse já,
Não é ser, nem entidade,
Afinal o que será?...

Luz do Mar

*

CHARADAS EM VERSO

O seu fim vale o principio
O principio vale o fim
O todo vale um ou outro
O que será isto assim?

E' um bando d'animaes—2
Que toda a gente conhece,
E' medida, é um verbo,
Fóra o mais se eu dissesse

Foi muito longe
Em priscaas eras
Viú muita coisa
Viú muitas feras

Tem o seu rosto—2
De grande teia—2
O horizonte
Na frente d'ela

Linda avesita,
Tem a seu lado
A vestimenta
D'um condenado

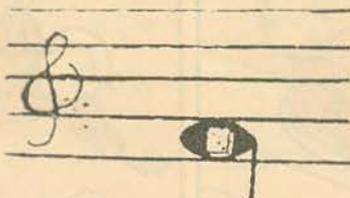
E' quanto basta
Como conceito
P'ra decifrar
Com certo getto

Não basta? então
Se querem mais:
Silabas quatro,
Quatro vogals.

O seu conceito
E' tão vulgar,
Singrando mares
A flutuar.

Catlla

ENIGMA PITORESCO



D' Pirelaus

*

QUADRO DE HONRA

Zé Ribelro—Grupo de neofitos—Adragram—Gesar—F. Pirelra—Catlla—Bibi Jota—Pam—Ratmlns—Dama Oculta—Dr. Essejê—Tiduj—Artur Pirelra—Dr. Pirillau—Razec—Club do Silencio—Juca de Barcelos—Lidochames—Serrot—C. Sillel—Tia Aldina—1/2 centavo—Dr. A. B. C.—Violeta—Eneje—Zarita—Seugirdor—Aros—Luz do Mar—Sant'Ana Junior—Joaquina Faro—Sorrab.

Campeões decifradores do penultimo numero

*

CHARADAS EM FRASE

O inimigo d'este apelido são estes animaes—2—2.

Montalvão

*

Tirel do veiculo e do corpo e fui pôr na habitação.—2—1.

Anupim

*

(Dedicado a E. Martins Pereira)

Siga o rasto do peixe se quer ter ferias—1—2.

C. Sillel

*

LOGOGRIFO

(A Luz do Mar, Sobre o mesmo soneto, de D. Beatriz Beirão, do seu logogrifo publicado no n.º 913 da Illustração)

Pela vereda em flôr, ao sol doirada,—
1—10—13—7—8—9.
Eu erguia, risonha, a alma a sonhar—
3—16—7—6—5—4—5.
Quando, na curva da florente estra—
da,—5—11—4.
Começaste a meu lado a caminhar.—
13—2—3—1—5.

E foi então ditosa essa jornada!
De mãos unidas, labios a cantar...—16
—14—15—9—1—5.
Vinham! por entre a balsa perfumada,
Invejosos alados espreatar...

Deixas-me agora só, afflita e errante
Sem ter coragem de seguir diante—4—
3—6—1—12—10—16.
Com medo dos descampados que advi—
nho...

Vagabundo da estrada, ó caminheiro!
Se não podias ser meu companheiro,
Porque foi que viestes ao meu caminho?!

Monção. M. Gonçalves Ribeiro
Majogori

Indicações uteis

No proximo sabado sairão publicadas na *Illustração Portuguesa* as decifrações das produções inseridas neste numero.
—Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser enviada ao *Seculo* e endereçada a José Pedro do Carmo.

—Ao director d'esta secção assiste o direito de não publicar produções que julguis imperfeitas.

—Só é conferido o Quadro de Honra a quem envie todas as decifrações exatas, que deverão ser entregues até cinco dias após a saída d'este numero, ás 14 horas, na sucursal do Roclo.

—Todas as produções devem vir escritas em separado e os enigmas pitorescos bem desenhados em papel liso e tincta da China.

—Os originaes, quer sejam ou não publicados, não se restituem.